

## LANTERNA, A

Jornal anticlerical fundado na cidade de São Paulo em 1901. Passou por várias interrupções até extinguir-se em 1935.

Editada por Benjamim Mota, advogado, maçom e militante anarquista, *A Lanterna* teve seu primeiro número publicado em 7 de março de 1901, com tiragem de 10 mil exemplares. Mantendo relações próximas com as ligas anticlericais do estado de São Paulo e com grupos da Maçonaria, o periódico nasceu da dedicação de seu fundador e de um grupo de maçons pertencentes à Loja Luso-Brasileira. Utilizou caricaturas e um tom irônico para propagar sua campanha anticlerical. De início foi distribuído gratuitamente.

Em seu primeiro número, *A Lanterna* afirmava ter como objetivo a propaganda anticlerical e a denúncia de que a Igreja Católica propagava a miséria e a ignorância pelo mundo. Constituiu-se como órgão de defesa de uma sociedade laica, atrelada ao progresso e à civilização, tidos como polo oposto ao clericalismo e seus dogmas. Estado e Igreja deveriam ser definitivamente separados, assim como política e religião.

*A Lanterna* tinha um projeto editorial voltado para o debate de temas políticos, o combate à Igreja Católica e a divulgação de uma propaganda anticlerical feroz. Publicou notícias sobre esses temas em outros lugares do país e do mundo, sobre questões religiosas e científicas, educação laicizada, notícias do Brasil e do exterior, literatura de cunho anticlerical, além de divulgar outros periódicos e livros de mesma tendência e reclames.

A partir de um programa baseado na crítica, o jornal denunciou inúmeros abusos pretensamente cometidos pelos clérigos, como filhos ilegítimos, vícios, corrupção etc., tentando deslegitimar a Igreja Católica como instituição, considerando-a imoral e propagadora de comportamentos que primavam por manter os homens conformados, ignorantes e miseráveis. O periódico qualificou os rituais litúrgicos como formas de explorar a ignorância e propagar a hipocrisia. A confissão, por exemplo, foi caracterizada como um absurdo, já que através dela crianças e mulheres informavam a seus confessores o que acontecia em suas famílias e vidas particulares. A Igreja frearia movimentos de liberdade, rebeldia, mudança e progresso, o que motivou o jornal a propor a expulsão dos padres do Brasil e a nacionalização dos bens da Igreja no país.

Em oposição à forte penetração da Igreja Católica na sociedade brasileira, *A lanterna* propunha a educação laica, pública e científica destinada às mulheres e às crianças, dentro de um universo no qual a racionalidade, a probidade pública, a igualdade, o trabalho, a ética, as artes, a espiritualidade e a moral deveriam estar desvinculados de dogmas e desatrelados de quaisquer instituições.

O jornal também criticou determinados políticos. O presidente Rodrigues Alves foi

especialmente atacado pela proteção que daria à Igreja. Já outros ocupantes de importantes cargos na República que pertenciam aos quadros da maçonaria, como Rio Branco, Campos Sales e Prudente de Moraes, foram qualificados como traidores, uma vez que não teriam resistido à expansão das bases da Igreja na política.

Por seu tom anticlerical ferrenho, o jornal motivou algumas reações: os católicos responderam lançando os periódicos *O Farol* e *A Crença*, e os evangélicos fundaram *A Luz Divina*.

*A Lanterna* teve sua circulação interrompida em 1902 e retomada entre 1903 e 1904, incorporando outros dois jornais: *O Livre Pensador*, de Everardo Dias e Antônio Garcia de Oliveira, e o *L'Asino*. Passou, então, a ser impressa com o subtítulo “*Diário da noite anticlerical e independente*”. Em 1904, *A Lanterna* e *O Livre Pensador* desfizeram a sociedade por discordâncias pessoais e profissionais entre seus editores. Com a saída de Benjamim Mota, *A Lanterna* parou de circular. Ressurgiu em 1909 com o subtítulo “*Folha anticlerical de combate*”, contando com o apoio do próprio Benjamim Mota e a colaboração de Edgard Leuenroth, e mantendo a orientação anticlerical, pois para esses militantes a emancipação dos trabalhadores só se daria com a libertação do jugo da Igreja Católica. No primeiro número após esse retorno em 1909, uma das justificativas dadas para a volta da publicação foi o protesto contra a execução pelo governo espanhol do pedagogo e ativista anarquista Francisco Ferrer, um livre-pensador. Nesse período, Leuenroth também desenvolveu no jornal campanhas pela criação de escolas de tendência laica e racionalista no país.

Em outubro 1911 *A Lanterna* passou a circular semanalmente. Foi publicada nesses moldes até 1916, quando Mota e Leuenroth tiveram que encerrá-la em função das complicações costumeiras pelas quais passavam periódicos desse tipo, como falta de verbas e perseguições. Afinal, os dois militantes eram editores de um periódico de contestação aos poderes constituídos. Assim, *A Lanterna* foi transformada no periódico *A Plebe*, que continuou com a mesma orientação, só que com outro nome, como informou Leuenroth no editorial de lançamento de *A Plebe* em 9 de junho de 1917.

*A Lanterna* reapareceu mais uma vez entre 1933 e 1935, novamente sob a direção de Edgard Leuenroth, que conseguiu fazer circular mais 45 números do jornal. Durante esse período o periódico investiu na crítica sistemática ao jornal *O Operário*, acusado colaborar para a organização dos trabalhadores sob a inspiração da Ação Católica, que estaria baseada na conciliação entre as classes sociais.

Em 1935, pelo apoio que deu à Aliança Nacional Libertadora (ANL), Edgard Leuenroth foi indiciado em dois processos, um como diretor do jornal, por “crime contra a moral e os bons costumes”, e outro como trabalhador, por ser um “sindicalista subversivo”. Só saiu da

prisão em 1938, conforme relata a historiadora Edilene Toledo.

Tanto a tiragem como a periodicidade de *A Lanterna* variaram bastante ao longo do tempo em que foi publicada. Circulou diariamente, semanalmente e quinzenalmente. Isso se deu em consequência de problemas financeiros e de distribuição, da intervenção da Igreja Católica, de proibições de circulação e de variadas formas de repressão direcionadas aos seus colaboradores e leitores, segundo indicação de Eliane Moura Silva. Já a tiragem do jornal permite dizer que o quantitativo de seus leitores não era tão reduzido: dos 10 mil exemplares do primeiro número chegou a 26 mil, para depois diminuir e se estabilizar em 6 mil exemplares, de acordo com a contabilização feita por Ana Luiza Martins.

*Carolina Vianna Dantas*

FONTES: CARNEIRO, M.; FERREIRA, J.; REIS FILHO, D. *Esquerdas* (v.1); KOSSOY, B. *Imprensa*; MARTINS, A. *Revistas*; SILVA, E. *Maçonaria*; TOLEDO, E. *Trajetória*.